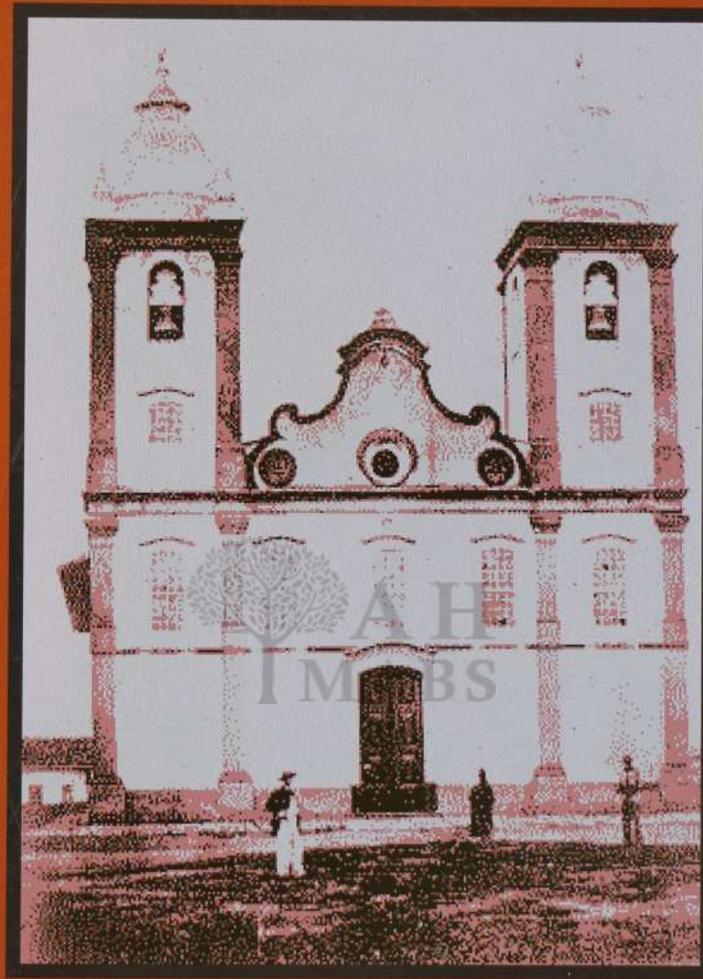


Série Memórias
Volume 1



O Centro Da Cidade

JUNDIAÍ

O CENTRO DA CIDADE

Prefeitura do Município de Jundiá

Prefeito Miguel Haddad

Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente

Secretário Francisco José Carbonari

2001

2ª edição



Igreja do Rosário, sem data. Após a construção da Igreja, o antigo Largo do Pelourinho, recebeu o nome de Largo do Rosário, atual Praça Rui Barbosa. A Igreja foi demolida em 1922 para continuidade da Rua do Rosário .

Série : Memórias

Volume 1 : **O Centro da Cidade**

Copyright

Secretaria Municipal de Planejamento e

Meio Ambiente

Avenida da Liberdade, s/nº - 5º andar - ala Sul

CEP : 13 214-900 - Jundiaí - SP - Brasil

Prefeitura do Município de Jundiaí

Prefeito Miguel Haddad

Secretaria Municipal de Planejamento e

Meio Ambiente

Secretário Francisco José Carbonari



Ficha catalográfica

Jundiaí (Município). Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente. O Centro da Cidade. 2ª ed. Jundiaí, SP: Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente, 2001. 64p. il. (Série Memórias, volume 1)

1. Jundiaí - História
2. Jundiaí - Patrimônio Histórico
3. Jundiaí - Centro da Cidade
4. Jundiaí - Memória

Equipe Técnica

Maria Angela Borges Salvadori (coordenação deste volume; pesquisa de textos e fotos)

Cléber de Almeida (fotos atuais)

Edna Maria Fornazieri Scarabello (pesquisa de fotos, elaboração de croqui esquemático e digitação)

Todas as imagens antigas de Jundiaí que compõem este trabalho fazem parte do acervo do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí. Os textos cujas indicações bibliográficas estão incompletas foram retirados de papéis avulsos, tendo sido impossível resgatar os originais.

As áreas centrais das cidades brasileiras, de uma forma geral, sofrem um constante processo de deterioração. Recuperá-las é tarefa urgente.

Em Jundiaí esta recuperação já está em andamento, com vários projetos de intervenção no centro da cidade. No entanto, isto não pode ser feito de forma traumática nem tampouco significar uma simples reforma de equipamentos urbanos. Há que se valorizar tanto as exigências de modernidade que se impõem às cidades que adentram no novo milênio quanto a preservação do patrimônio cultural que lhes dá identidade.

O projeto “Memórias” – e particularmente seu primeiro volume – inova esta reflexão ao combater o esquecimento e incluir as dimensões da lembrança e da identidade com o passado nas tarefas do planejamento urbano.

Miguel Haddad
Prefeito do Município de Jundiaí

Sumário

1. Apresentação	07
2. Caminhos da Memória.....	11
3. O Centro Velho.....	15
3. 1. Rua Barão de Jundiaí.....	17
3. 2. Rua do Rosário.....	39
4. A fotografia e o fotógrafo.....	55
5. Informando-se.....	59





1. APRESENTAÇÃO

Apresentação

“ O direito ao passado constitui uma das dimensões fundamentais da plena cidadania.”

(Maria Clementina Pereira Cunha, 1992.)

A Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente da Prefeitura do Município de Jundiaí está relançando o primeiro volume da *Série Memórias*, com imagens comparativas do centro da cidade, abrangendo as ruas Barão de Jundiaí e Rosário e as praças Rui Barbosa, Marechal Floriano Peixoto, Governador Pedro de Toledo e Largo de São Bento.

Vários foram os motivos que nos levaram a escolher o centro da cidade como alvo desta primeira publicação. A região central de Jundiaí se apresenta, ao mesmo tempo, como uma área significativa em termos da presença de edifícios históricos e de profundas intervenções. Além disso, é um lugar comum a todos os moradores da cidade, devido a grande concentração de estabelecimentos comerciais. Infelizmente, a maior parte deste patrimônio, que pertence a todos nós, está encoberta por fachadas de propagandas ou descaracterizada. O centro, apesar de um espaço comum a todos, nos parece estranho e ameaçador, pois a lógica da experiência histórica e da identidade não tem exercido sua primazia. Mesmo em termos comerciais, a paisagem central acaba por ser ineficiente pois o excesso de propaganda provoca antes o alheamento do que a atenção. São tantos os anúncios — e tão caoticamente dispostos — que o olhar não se fixa em nenhum deles e as propagandas, no geral, acabam por ter um efeito contrário àquele desejado.

Ao planejarmos esta publicação, consideramos dois objetivos principais: de um lado, garantir aos moradores da cidade a possibilidade de um resgate, ainda que parcial, de seu passado; por outro, despertar a preocupação com o patrimônio histórico-cultural de Jundiaí, procurando estimular uma retomada dos debates e iniciativas no sentido de sua preservação. Estamos, portanto, trabalhando com o conceito de

cidadania cultural, entendida aqui com um sentido específico, enquanto conhecimento e retomada das experiências históricas que constituíram — e continuam a constituir — a cidade tal como hoje a conhecemos.

Além disso, com este trabalho, a Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente indica também alguns dos parâmetros utilizados no planejamento da cidade, especialmente no que diz respeito à importância dada às medidas que possam contribuir com a qualidade de vida da população. Acreditamos que Jundiaí será, cada vez mais, uma boa cidade para se viver, quanto mais seja capaz de harmonizar as relações entre passado e presente, ou seja, quanto mais consiga conciliar o crescimento e o progresso à preservação de um patrimônio histórico que garanta a identidade de seus cidadãos e o direito ao passado como uma das dimensões da cidadania.

Sabemos que atitudes em relação ao patrimônio histórico dependem, em grande parte, de uma postura de compromisso, porque envolvem tanto os interesses públicos na preservação quanto os direitos constitucionais relativos à propriedade privada. Por este motivo, nosso trabalho representa não uma intervenção direta mas sim uma proposta de discussão.

Achamos, portanto, que é possível recuperar uma parte deste passado escondido pelas fachadas, aliando as vontades do poder público e os interesses dos habitantes da cidade e é com esta crença que convidamos o leitor a passear pelo velho centro urbano, reencontrando-o, em fragmentos, na Jundiaí de hoje.

Francisco José Carbonari

Secretário Municipal de Planejamento e Meio Ambiente



2. CAMINHOS DA MEMÓRIA

Trajetos percorrido nesta publicação



LEGENDA

-  - IGREJA
-  - PRAÇA
-  - MUSEU
-  - ESCOLA
-  - TEATRO
-  - BIBLIOTECA
-  - FÓRUM
-  - CÂMARA
-  - QUARTEL

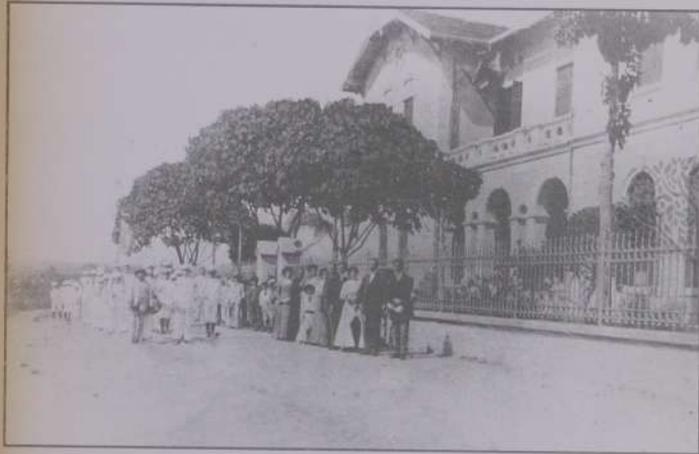


3. O CENTRO VELHO

Rua Barão de Jundiá

" ... Passávamos pelos arredores do nosso querido Siqueira de Moraes. Como lá recebemos o nosso diploma primário, movidos pela saudade, entramos. . ."

(Aldo Cipolato. *Jundiá na História*. Jundiá, s/ed., s/d. , p. 115.)



Grupo Escolar Coronel Siqueira de Moraes, Rua Barão de Jundiá, anos 10.

AH
MABS



Biblioteca Pública Municipal Professor Nelson Foot, 1997.

Rua Barão de Jundiá

“ ... As velhas paredes do tradicional teatro da cidade ficaram indelevelmente impregnadas com os ruídos de inesquecíveis momentos, das atrações lá vividas. Espetáculos circenses, teatro lírico, cinema, os bailes e as grandes batalhas de confetes, serpentinas e lança-perfumes, nos carnavais do passado...”

(Geraldo Tomanik. “Tudo sobre o Cine Teatro Polytheama”. *Arquivo Histórico*, s/d.)



Rua Barão de Jundiá. Ao centro, à direita, o Cine Teatro Polytheama, década de 20.



Rua Barão de Jundiá, 1997.

Praça Rui Barbosa

“ A cidade não é feita de pedras, é feita de homens. O essencial não é a dimensão da função mas a dimensão da existência .”

(Roberto Segre. *“Havana: O Resgate Social da Memória”*. *O Direito à Memória*. São Paulo, DPH/SMC/ PMSP, 1992, p. 101.)



Praça Rui Barbosa, antigo Largo do Rosário, anos 40.

AH
MABS



Vista parcial da cidade. Ao centro, a atual Praça Rui Barbosa, 1997.

Praça Rui Barbosa

*"... Quem poderia imitar
O teu céu com as suas cores ?
Com seus lindos fulgores ?
Os teus campos, tuas flores ?..."*

(Haydée Dumangin Mojola. *Hino de Jundiaí*.
Oficializado em maio de 1963.)



Praça Rui Barbosa, antigo Largo do Rosário , anos 40.

AH
MABS



Praça Rui Barbosa, 1997.

“A rua se tornou, para o cidadão de hoje, um texto de decifração tão difícil, como sempre fora para os analfabetos a cultura letrada. Acredito que da nossa capacidade de decifrar este difícil texto depende a qualidade da nossa cidadania.”

(Willi Bolli. “A Cidade como Escrita”. *O Direito à Memória*. São Paulo, DPH/SMC/PMSP, 1992, p. 143.)



Rua Barão de Jundiaí, esquina com Rua Engenheiro Monlevade, 1948.



Rua Barão de Jundiaí, esquina com Rua Engenheiro Monlevade, 1997.

Rua Barão de Jundiaí

*"... eu sou do tamanho do que vejo.
E não do tamanho da minha altura."*

(Fernando Pessoa, "O Guardador de Rebanhos".
Teresa Rita Lopes (org.). *Os Melhores Poemas de
Fernando Pessoa*. São Paulo, Global, 1994, p. 149.)



Rua Barão de Jundiaí, em frente à Praça Marechal Floriano Peixoto, 1923.

AH
MABS



Rua Barão de Jundiaí, em frente à Praça Marechal Floriano Peixoto, 1997.

Praça Marechal Floriano Peixoto

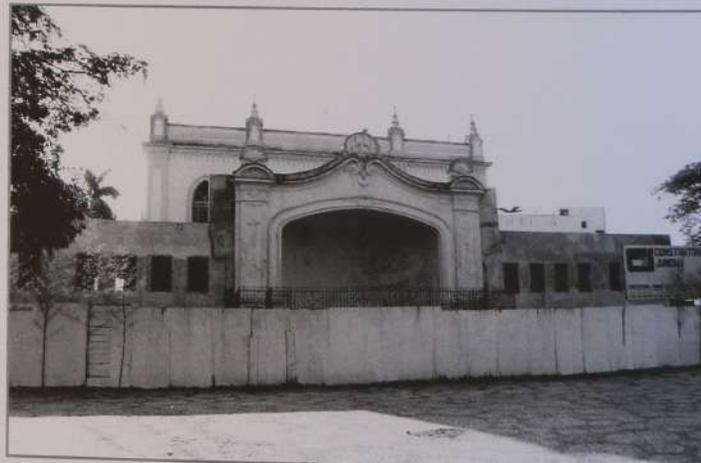
*"Apenas um momento do passado? Muito mais, talvez :
alguma coisa que comum ao passado e ao presente, é mais
que essencial do que ambos."*

(Marcel Proust. *O Tempo Redescoberto*. Porto Alegre,
Globo, 1957, p. 124.)



Praça Marechal Floriano Peixoto, anos 10/20.

AH
MABS



Praça Marechal Floriano Peixoto, 1997.

Praça Marechal Floriano Peixoto

*"As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.
Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão."*

(Carlos Drummond de Andrade. "Memória".
Claro Enigma. Rio de Janeiro, Record, 1991, p. 27.)



Praça Marechal Floriano Peixoto, 1921.

AH
MABS



Praça Marechal Floriano Peixoto, 1997.

Rua Barão de Jundiá

“ Uma cidade não é apenas um lugar no espaço, mas um território de possibilidades : a chance para o afeto, o terror, o amor, o descontrole, a violência e, talvez, um novo humanismo...”

(Olgária Matos, *Folha de São Paulo* , 24/08/1997, p. 5-14.)



Rua Barão de Jundiá, esquina com Rua São José, sem data.



Rua Barão de Jundiá, esquina com Rua São José, 1997.

Praça Governador Pedro de Toledo

*“... Moças, meninas,
gente que canta e cose e fia e tece,
de alegria festiva em farta messe,
aos bandos cruzam praças, ruas, esquinas...”*

(Diógenes Duarte Paes. *Cromo*. Jundiaí, s/ed.,
s/d.)



Praça Governador Pedro de Toledo, 1923.



Praça Governador Pedro de Toledo, 1997.

Praça Governador Pedro de Toledo

"A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro ali mesmo se erguia... Em sua frente, a bela praça, com palmeiras e outros arvoredos; nos seus fundos o coreto ainda existente e o chafariz, com os peixinhos vermelhos e os pombos, motivos de atração da criançada..."

(Aldo Cipolato. *Efemérides*. Jundiaí, s/ed., 1974, p. 57.)



Praça Governador Pedro de Toledo, antiga Praça da Independência, década de 30.



Praça Governador Pedro de Toledo, 1997.

Praça Governador Pedro de Toledo



Praça Governador Pedro de Toledo, 1939. Ao fundo, o Museu Histórico e Cultural de Jundiá, prédio cuja construção reformada, em taipa de pilão, data de 1862.

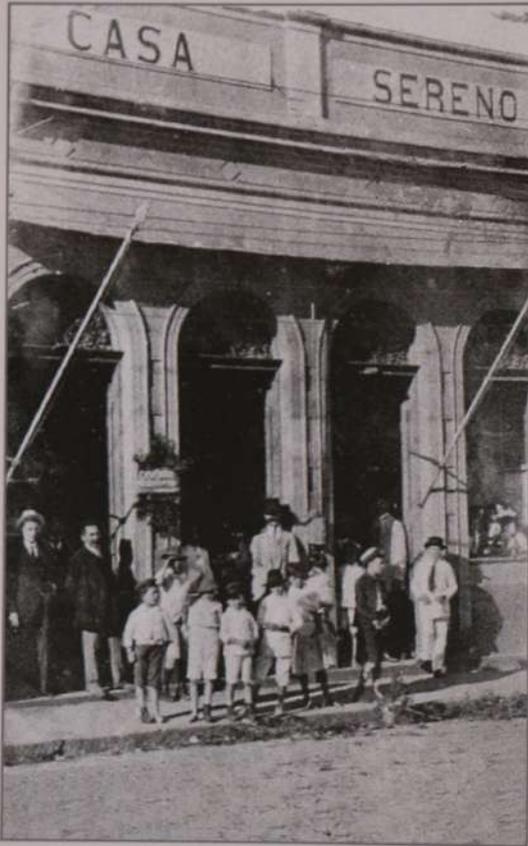
"Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no universo..."

(Fernando Pessoa. "O Guardador de Rebanhos". Teresa Rita Lopes (org.). *Os Melhores Poemas de Fernando Pessoa*. São Paulo, Global, 1994, p. 149.)



Praça Governador Pedro de Toledo, 1997.

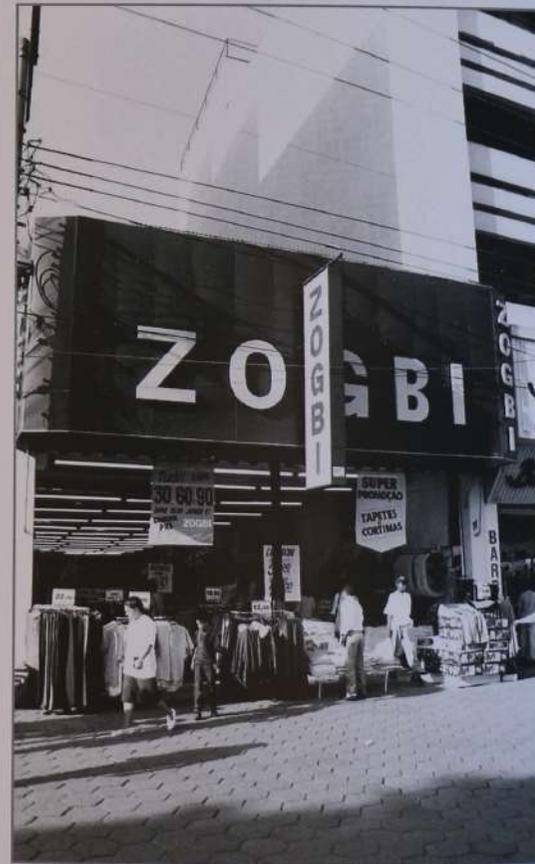
Rua Barão de Jundiaí



Rua Barão de Jundiaí, sem data.

“... - Quer fazer o favor de me dizer qual caminho eu devo tomar?
- Isso depende muito do lugar para onde você que ir.”

(Lewis Carrol. *Alice no País das Maravilhas*. São Paulo, Summus, 1980, p. 82.)



Rua Barão de Jundiaí, 1997.

Rua Barão de Jundiá

"... O homem não é mais que o que ele faz."

(Jean Paul Sartre. "O Existencialismo é um Humanismo", Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1973, p. 12.)



Rua Barão de Jundiá, sem data.



Rua Barão de Jundiá, 1997.

Rua Barão de Jundiá

“Cada um escolhe seu passado, e essa escolha nunca é inocente.”

(Jean Chesneaux. *Devemos Fazer Tábula Rasa do Passado?*. São Paulo, Ática, 1995, p. 24.)



Rua Barão de Jundiá, esquina com Praça Governador Pedro de Toledo, antiga Praça da Independência, 1922.

AH
MABS



Rua Barão de Jundiá, esquina com Praça Governador Pedro de Toledo, 1997.

Rua Barão de Jundiáí



Rua Barão de Jundiáí, esquina com Rua da Padroeira, por volta de 1928. Por ocasião da foto, o prédio em destaque abrigava a “Escola Normal Livre de Jundiahy”.

“ Nas cidades brasileiras, as idéias de progresso e modernidade têm levado a uma sistemática destruição das marcas do passado ... se no ‘antigo’ reside uma parcela importante da memória social e da identidade cultural dos habitantes da cidade, desconsiderar a questão do patrimônio histórico-ambiental urbano é exilar o cidadão, alijá-lo de seu próprio meio, fazer da cidade um ambiente hostil e estranho à maioria da população.”

(Cássia Magaldi. “ O Público e o Privado : Propriedade e Interesse Cultural “. O Direito à Memória. São Paulo, DPH/SMC/PMSP, 1992, p. 21.)



Rua Barão de Jundiáí, esquina com Rua da Padroeira, 1997.

Rua Barão de Jundiá

“... esquecer é morrer.”

(Marilena Chauí. “Os Trabalhos da Memória”.
Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade : Lembranças de Velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1983, p. XIX.)



Rua Barão de Jundiá, 1906. Ao centro, à esquerda, a antiga sede da Prefeitura do Município de Jundiá.



Rua Barão de Jundiá, 1997.

Rua Barão de Jundiá

“ No Brasil há um verdadeiro linchamento da memória, um processo contínuo de destruição do passado, para que não haja um presente melhor.”

(Depoimento de Nicolau Sevcenko a Maria Silvia Bittencourt. *Documentos, Por Favor: Sistema Estadual de Arquivos*. São Paulo, Imesp, 1985.)



Rua Barão de Jundiá, esquina com Rua Coronel Siqueira de Moraes, sem data. O prédio em destaque, cuja construção original data de 1824, foi a sede inicial do “Grupo Escolar Conde do Parnaíba”.



Rua Barão de Jundiá, esquina com Rua Coronel Siqueira de Moraes, 1997.

Rua Barão de Jundiá

"... Então a 'memória ambiental' não será um mero exercício intelectual realizado por uma minoria, mas será o fundamento indispensável da riqueza da vida presente e futura formada a partir das raízes do passado."

(Roberto Segre, " Havana : O Resgate Social da Memória" . O Direito à Memória. São Paulo, DPH/SMC/PMSP, 1992, p. 111.)



Grupo Escolar Conde do Parnaíba, sem data.

AH
MABS



Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Conde do Parnaíba, 1997.

Largo de São Bento

“... A consciência que se situa no tempo percebe a origem não por situar-se na origem do tempo, mas por viver a distância interna da duração que nos separa e nos aproxima da origem. A distância temporal separa e aproxima porque o tempo é tensão qualitativa e não extensão espacial. Perceber esta tensão é assumir um ponto de vista no infinito.”

(Franklin Leopoldo e Silva. “Bergson, Proust : Tensões do Tempo” . Adauto Novaes (org.). *Tempo e História*. São Paulo, Cia das Letras, 1992, p. 153.)



Largo de São Bento, década de 20/30. No passado, recebeu os nomes de Praça João Pessoa e Praça Tibúrcio Estevam de Siqueira. Ao centro, o edifício que abrigou o Fórum e a Cadeia Pública .

AH
MABS



Largo de São Bento, 1997.

Igreja de Sant'Anna



Igreja de Sant'Anna, fundada em 1660, ligada ao Mosteiro de São Bento e à Ordem dos Beneditinos, década de 50.



Fórum e Cadeia Pública, localizados na antiga Praça João Pessoa, hoje Largo de São Bento, sem data.

"... E a cidade emerge cheia de alma, com sua memória política, sua memória de trabalho, as vozes de suas igrejas e ruas, seus pregões e cantigas, seus assobiadores das madrugadas..."

(Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade : Lembranças de Velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1983, pp. XI-XV.)



Vista parcial do centro da cidade, 1998. Ao centro, a Igreja de Sant'Anna, o Mosteiro e o Largo de São Bento.

Rua do Rosário

*“ À resistência muda das coisas, à teimosia das pedras,
une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar
antigo.”*

(Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade : Lembranças de Velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1983, p. 371.)



Rua do Rosário, sem data.



Rua do Rosário, 1998.

Rua do Rosário

“ Todo projeto por mais individual que seja, tem um valor universal .”

(Jean Paul Sartre. “O Existencialismo é um Humanismo”. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo, Abril, 1973, p. 22.)



Rua do Rosário esquina com Rua Coronel Leme da Fonseca, 1962.



Rua do Rosário esquina com Rua Coronel Leme da Fonseca, 1997.

Rua do Rosário

“Um dos aspectos básicos da preservação como prática cultural é a construção de vias concretas de acesso do presente em direção ao passado. Neste sentido, o processo de preservação é um procedimento de resgate.”

(Antônio Augusto Arantes. *La Preservacion Del Patrimonio como Practica Social*. Campinas, IFCH / Unicamp, 1990, p. 8)



Rua do Rosário, esquina com Rua da Padroeira, sem data.



Rua do Rosário, esquina com Rua da Padroeira, 1998.

Rua do Rosário

"... Nós sabemos que a preservação da continuidade histórica, no meio urbano ou rural, é essencial para a manutenção ou criação de um quadro de vida que permita ao homem encontrar sua identidade, e provar um sentimento de segurança em face às mudanças brutais da sociedade."

(Trecho do Manifesto de Amsterdam, de 1975, citado por Cássia Magaldi. " O Público e o Privado : Propriedade e Interesse Cultural ". *O Direito à Memória*. São Paulo, DPH/SMC/PMSP, 1992, p. 101.)



Rua do Rosário, década de 40.



Rua do Rosário, 1998.

Rua do Rosário

"... A cidade é um nível específico de prática social, ou seja, é a projeção da sociedade sobre o território."

(Roberto Segre. "Havana: O Resgate Social da Memória". *O Direito à Memória*. São Paulo, DPH/SMC/PMSP, 1992, p.101.)



Rua do Rosário, anos 20/30.

AH
MABS



Rua do Rosário, 1998.

Rua do Rosário

“ A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”

(Jacques Le Goff. *História e Memória*. Campinas, Unicamp, 1996, p. 446.)



Rua do Rosário . Ao centro, o antigo Cine Marabá, sem data.



Rua do Rosário, 1997.

Rua do Rosário

"... e essas lembranças pesam mais do que rochedos."

(Charles Baudelaire. "O Cisne". *As Flores do Mal*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p. 327.)



Rua do Rosário, esquina com Praça Governador Pedro de Toledo, década de 40.



Rua do Rosário, esquina com Praça Governador Pedro de Toledo, 1997.

Rua do Rosário

“ A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação com o passado público da época em que vivem.”

(Eric Hobsbawm. *A Era dos Extremos*. São Paulo, Cia das Letras, 1995, p. 13.)



Rua do Rosário, esquina com Rua Bernardino de Campos, 1936.

AH
MABS



Rua do Rosário, esquina com Rua Bernardino de Campos, 1997.

Rua do Rosário

*“ Sobre o tempo, sobre a taipa,
a chuva escorre. As paredes
que viram morrer os homens,
que viram fugir o ouro,
que viram finar-se o reino,
que viram, reviram, viram,
já não vêem. Também morrem...”*

(Carlos Drummond de Andrade, “Morte das Casas de Ouro Preto”. *Claro Enigma*. Rio de Janeiro, Record, 1991, p. 81.)



Rua do Rosário, esquina com Rua Bernardino de Campos, sem data.

AH
MABS



Rua do Rosário, esquina com Rua Bernardino de Campos, 1997.

Rua do Rosário

“Destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância do seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruídas, os jardins cimentados...”

(Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1983, p. 370.)



Rua do Rosário, sem data.

AH
MABS



Rua do Rosário , 1997.

Rua do Rosário

"A oposição passado / presente é essencial na aquisição da consciência do tempo."

(Jacques Le Goff. *História e Memória*. Campinas, Unicamp, 1996, p. 13.)



Rua do Rosário, com destaque para a lateral da Catedral Nossa Senhora do Desterro, 1940.



Rua do Rosário, 1997.

Rua do Rosário

“ O tempo é a substância da qual somos feitos.”

(Jorge Luís Borges, citado por Carlos Guilherme Motta. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo, Moderna, 1986, apresentação.)



Rua do Rosário, esquina com Praça Marechal Floriano Peixoto, 1928.

AH
MABS



Rua do Rosário, esquina com Rua Naim Miguel, em frente à Praça Marechal Floriano Peixoto, 1997.

Rua do Rosário

“ Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas, as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligaram a elas ? ”

(Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* . São Paulo, T. A. Queiroz, 1983, p. 371.)



Rua do Rosário, esquina com Rua Engenheiro Monlevade, sem data.



Rua do Rosário, esquina com Rua Engenheiro Monlevade, 1997.

Rua do Rosário

“ Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante.”

(Adauto Novaes, “ Sobre Tempo e História”. Adauto Novaes (org.). *Tempo e História*. São Paulo, Cia das Letras, 1992, p. 9.)



Quartel da Guarnição Militar Federal de Jundiaí, localizado à Rua do Rosário, 1940.



Fachada do antigo Quartel da Segunda Companhia de Comunicações, 1997.

Rua do Rosário

"Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa - ou deveria passar - a outra geração como um valor. As idéias de memória e conselho são afins: 'memini' e 'moneo', 'eu me lembro' e 'eu advirto', são verbos parentes próximos."

(Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo. T. A. Queiroz, 1983, p. 399.)



Rua do Rosário, 1864. Ao fundo, a Igreja do Rosário, demolida em 1922, para prolongamento da referida rua.



Praça Rui Barbosa, 1997.



4. A FOTOGRAFIA E O FOTÓGRAFO

A fotografia e o fotógrafo

Em 1839, o francês Daguerre inventava a fotografia. Um ano mais tarde, a técnica do “daguerreótipo” chegava ao Brasil e os ateliês fotográficos proliferaram nas médias e grandes cidades, registrando para a posteridade momentos fugazes da vida. A “febre” fotográfica tomava conta de todos. Trabalhos como este que agora publicamos não são novos. No século passado, por exemplo, o fotógrafo Militão Augusto de Azevedo organizou um álbum de imagens comparativas da cidade de São Paulo, considerando um intervalo de 25 anos. Em Jundiaí, trabalho semelhante foi realizado por duas gerações da família “Janczur”. Entre finais do século passado e início deste, Alexandre Janczur registrou o aspecto e o cotidiano das principais ruas do centro. Nos anos 30 e 40 principalmente, seu filho João Janczur fotografou novamente este mesmo trajeto. A maior parte das fotos antigas que aparecem nesta publicação são de autoria do Sr. João Janczur. As mais velhas, marcadas pelo pouco contraste, foram feitas pelo Sr. Alexandre. Daí o leitor encontrar, em várias das fotos, os dizeres “Janczur” ou “Foto Ideal”, empresa da qual o fotógrafo era proprietário. No geral, as imagens possuem uma linguagem fotográfica de cartão postal, mais difundida naquele período, privilegiando espaços então considerados nobres. Este primeiro volume de “Memórias” não poderia ter sido realizado sem a arte dos Srs. Alexandre e João.



Na primeira imagem, de 1929, o estabelecimento “Photographia Ideal” do Sr. Alexandre Janczur. Na segunda, a seta indica o ateliê fotográfico do Sr. João Janczur na década de 40. Ambas estavam localizadas em pontos diferentes da Rua do Rosário.



5. INFORMANDO-SE

São Paulo em 1992, que contou com a participação de profissionais nacionais e estrangeiros. Apresenta também relatos de experiências de preservação de cidades históricas e de processos de revitalização de centros urbanos cuja paisagem foi degradada.

Paulicéias Perdidas. São Paulo, DPH/SMC/PMSP, 1992.

Obra que mostra fotos comparativas e textos sobre o centro velho de São Paulo, entre a Praça da Sé e o Largo do Arouche. As fotos antigas pertencem ao acervo do Arquivo de Negativos do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura do Município de São Paulo e as fotos recentes foram feitas especialmente para a exposição de rua que deu origem à publicação. Os painéis, com suportes de concreto, mostravam antigas paisagens paulistanas, posicionados de modo tal que, ao contemplá-los, os observadores podiam comparar o passado e o presente numa mesma perspectiva.

- Sobre memória e história:

Le Goff, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Unicamp, 1996.

A obra deste consagrado historiador francês discute as relações entre história e memória, mostrando a importância desta última como fonte documental para a história e como um dos modos mais evidentes através do qual as pessoas adquirem consciência de sua temporalidade. Discute também as relações entre memória e identidade social e/ou nacional.

Nora, Pierre (org.) . *Les Lieux de Mémoire*. Paris, Gallimard, 1984.

Coletânea de trabalhos de historiadores franceses que discutem a relação entre memória, história e identidade nacional francesa, analisando criticamente a construção de um passado único e pacificador, acima das divergências e conflitos sociais que marcam efetivamente a história daquele – e, no limite, de qualquer outro – país. Os artigos apontam também para a possibilidade de leituras mais populares deste passado.

- Sobre fotografia:

Azevedo, Militão Augusto. *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo: 1862 - 1887*. São Paulo, DPH/SMC/

PMSP, 1981.

O álbum comparativo de Militão Augusto de Azevedo é o registro fotográfico mais antigo de São Paulo que se tem conhecimento. Ele mostra dois momentos distintos da história da cidade: pacata e interiorana em 1862, e capital do café, em 1887. Realizado como despedida da profissão, o álbum acabou por inspirar diversos trabalhos de registro fotográfico sistemático de cidades. Nessa publicação a obra de Militão é comentada por Bóris Kossoy, Benedito Lima de Toledo e Carlos Lemos.

Fabris, Annateresa (org.) . *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo, Edusp, 1991.

O livro reúne artigos sobre os mais variados aspectos da imagem fotográfica, principalmente aqueles relacionados à produção, circulação e consumo da mesma. O leitor poderá encontrar informações sobre os manuais fotográficos, a formação do mercado consumidor de fotografias e os códigos sociais da produção de imagens. A obra apresenta, ainda, análise das publicações que se utilizavam de fotografias e das relações entre essa técnica e a pintura.

Ferrez, Gilberto. *A Fotografia no Brasil: 1840 - 1900*. Rio de Janeiro, Funarte, 1985.

O livro é importante referência para o estudo da fotografia brasileira no século XIX. Comenta os primórdios da técnica do daguerreótipo no país, a instalação das primeiras oficinas fotográficas e a obra dos principais fotógrafos daquele período. Nessa publicação, além de um grande número de imagens, pode-se obter informações sobre a produção fotográfica realizada nas principais regiões do país no século passado.

Lima, Solange F. de e Carvalho, Vânia C. de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo (álbuns de São Paulo : 1887 - 1954)*. Campinas, Mercado de Letras/ São Paulo, Fapesp, 1997.

A publicação reúne as dissertações de mestrado das duas autoras que estudam álbuns fotográficos produzidos entre 1887 e 1954 sobre São Paulo. Além de informações e comentários sobre essa documentação, o livro pode ser referência importante para quem trabalha com fotografias de cidade, pois elabora um método de classificação e análise dessas imagens.



Impresso no Brasil
Editora Rafer Ltda.
Fone: (11) 4521-2530 • 4521-2628
rafer@rafer.com.br



Secretaria Municipal
de Planejamento e Meio Ambiente



Cidade do Novo Século